

A CIBERCULTURA E ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

PORTUGUESE LANGUAGE CYBERCULTURE AND TEACHING

Elisa Maria Pinheiro de Souza - Universidade do Estado do Pará | Programa de Pós-Graduação em Ensino de Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas – Mestrado Profissional | E-mail: yanaeli1@hotmail.com

Resumo

O artigo se propõe a abordar a relação do ensino de língua portuguesa com a cibercultura, considerando a inserção dos recursos tecnológicos no processo de ensino e aprendizagem. Como a simples utilização de um instrumental tecnológico não é o indicativo de uma prática pedagógica exitosa é necessário que os usuários vejam as tecnologias como suporte do processo educativo em termos de dinamização e estímulo da melhoria da aprendizagem e visualizem a possibilidade de uso das linguagens presentes no ciberespaço, na modalidade presencial de ensino, como via para a construção de estratégias aplicáveis em prol de uma aprendizagem significativa. A escritura resulta do diálogo mantido com os estudiosos que se debruçam sobre a temática, tais como Teixeira, Lévy, Castells, Pretto e Xavier os quais, embora com focos diferenciados, entrelaçam o potencial dos recursos tecnológicos com o processo educativo, demonstrando, de forma implícita ou explícita, suas preocupações com a integração desses recursos na práxis pedagógica em um espaço resistente às mudanças, por ser ainda influenciado pelos modelos de ensino tradicionais.

Palavras-chave: Cibercultura. Ciberespaço. Ensino. Aprendizagem

Abstract

The article proposes to approach the relationship between Portuguese language teaching and cyberculture, considering the insertion of technological resources in the teaching and learning process. As the simple use of a technological instrument is not indicative of a successful pedagogical practice, it is necessary for users to see technologies as support for the educational process in terms of dynamizing and stimulating the improvement of learning and visualize the possibility of using the languages present in the cyberspace, in the presential teaching modality, as a way to build applicable strategies in favor of meaningful learning. The writing results from the dialogue maintained with the scholars who are working on the theme, such as Teixeira, Lévy, Castells, Pretto and Xavier, who, although with different focuses, intertwine the potential of technological resources with the educational process, demonstrating, in a implicit or explicit, their concerns with the integration of these resources in the pedagogical praxis in a space resistant to changes, as it is still influenced by traditional teaching models.

Keywords: Cyberculture. Cyberspace. Teaching. Learning

1. CONTEXTOS DAS RELAÇÕES COMUNICATIVAS HUMANAS

A inserção do homem no meio social motivou o surgimento da necessidade de se comunicar com seus semelhantes para expressar sentimentos, emoções, ideias e até mesmo sua cultura. Os ecos dessa necessidade foram acalentados pelo uso da linguagem, capacidade inerente aos seres humanos para aquisição e uso de sistemas de comunicação. Com a linguagem, os humanos aprendem e executam, de forma individual, comportamentos e atos que são transmitidos a outros indivíduos e às suas gerações sucessivas.

O uso da linguagem difere os seres humanos dos demais animais, tanto que os estudiosos da evolução humana chegam a afirmar que ela integra o rol das “complexas características” da natureza humana. Sua origem, segundo os linguistas é bastante antiga, informação que remonta há meio milhão de anos. Nessa perspectiva, surge a noção de uma protolíngua, uma que existiu muito antes da língua utilizada atualmente, ou seja, a “ancestral comum de diversas outras línguas”.

Mas, ontem e hoje, a língua foi e é um fenômeno social, construção conjunta de uma comunidade, utilizada para fins de comunicação. Sua representação evoluiu, ao longo dos tempos, da imagem para o som, pois, por muito tempo, predominaram os sinais pictográficos, também denominados de ideogramas, cuja interpretação vinculava-se a um referencial externo. Com o passar do tempo, tais símbolos tornaram-se abstratos e evoluíram de tal forma, que a relação com os caracteres originais deixou de existir, passando a representar sons.

Assim, surge a escrita para representar o pensamento e a linguagem humana por meio de símbolos e, enquanto processo simbólico possibilitou ao homem a expansão de suas mensagens, em termos de tempo e espaço, perdurando por anos e séculos e ecoando em grandes distâncias. Com ela despontaram os primeiros registros de comunicação, documentando fatos e acontecimentos importantes de determinadas épocas, os quais foram repassados de geração em geração.

A cibercultura¹ é uma forma natural de cultura que emergiu juntamente com o surgimento das tecnologias digitais, as quais cada vez mais ganham destaque na

¹ Etimologicamente, o termo é originário do inglês “*cyberculture*”, resultante da junção das palavras cibernética e cultura, onde “ciber” é diminutivo de cibernética, com sentido de ciência voltada para uma tecnologia avançada, em prol da comunicação dos seres vivos.

sociedade moderna, com presença constante no espaço social. Sinônimo de ligação, disseminação e interação entre as formas culturais existentes no mundo; cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais, presente no cotidiano dos cidadãos; cultura consolidada pela comunicação virtual, a partir do uso contínuo de computadores e de outros suportes tecnológicos.

Na década de 80, momento em que a sociedade vivenciava o movimento sociotecnocultural, Lévy (1987), na obra “A máquina universo”², poliu o estado tosco do termo cibercultura sob a égide de indagações sobre questões inerentes à fusão de culturas nacionais em “uma cultura globalizada e cibernética, envoltas no ciberespaço e orientadas por três princípios: “interconexão, comunidades virtuais e inteligência coletiva”. Anos depois, ele a definiu como um “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (Lévy, 2010:17)

William Gibson, em 1984, no livro *Neuromancer*³, prevendo um tempo futuro em que a vida real era obscurecida pelo mundo virtual, apresentou, de forma inédita, o conceito de internet, difundindo também, o termo ciberespaço. Assim, de forma idealizada, o termo passou a indicar um espaço virtual composto pelo computador e usuário conectados em uma rede mundial. É possível afirmar que ele se constituiu em um novo espaço para a expressão, conhecimento e comunicação humana, ocorrida com o surgimento da Internet, concebida como elemento formador de uma rede mundial de computadores; é uma área de destaque no âmbito da cibercultura, espaço que só existe virtualmente. Tal espaço abrange:

(...) uma rede global de comunicação mediada que possibilita as relações tecnossociais atuantes na sociedade contemporânea, ampliadas por redes sociais: uma sociedade conectada, colaborativa, hipertextual, destituída de presencialidade física e apoiada por interfaces da Web 2.0, mais recente, por recursos da Web semântica e pela computação em nuvem (WENCZENOVICZ; SILVANO, 2015:2).

² A máquina universo: criação, cognição e cultura informática é a primeira obra de envergadura que incita a pensar a informática em todas as suas dimensões filosóficas e antropológicas.

³ *Neuromancer*, romance de estreia do autor, foi originalmente lançado em 1984, considerado como um dos grandes expoentes do movimento cyberpunk. Seu autor foi o primeiro a ganhar a chamada “tríplice coroa da ficção científica”: os prêmios Hugo, Nebula e Philip K. Dick

Para Castells (1999), estudioso sobre questões inerentes ao fenômeno das redes:

(...) uma rede é um conjunto de nós interconectados. Nó é o ponto no qual uma curva se entrecorta. Concretamente, o que um nó é depende do tipo de redes concretas de que falamos. (...) A topologia definida por redes determina que a distância (ou intensidade e frequência da interação) entre dois pontos (ou posições sociais) é menor (ou mais frequente, ou mais intensa), se ambos os pontos forem nós de uma rede do que se não pertencerem à mesma rede. (...) Redes são estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação (por exemplo, valores ou objetivos de desempenho) (CASTELLS, 1999:498).

Atualmente, a educação cibercultural tem sido bastante noticiada no contexto educacional, trazendo em seu bojo de aplicabilidade, a necessidade de mudanças no ensino, da reconfiguração das práticas educacionais e comunicativas. Sua efetividade requer consonância com o cenário social e tecnológico, em face das inúmeras formas de comunicação interativa e dos milhares de conteúdos informativos existentes nas redes, mesmo porque, no momento atual, professores e alunos defrontam-se com muitas dificuldades para acompanhar o ritmo da evolução midiática, como também, para utilizar, ao mesmo tempo, os antigos e novos recursos comunicativos adequados às características de cada contexto educativo, além do agravamento de que, nem todos possuem o devido acesso ao letramento midiático⁴.

A mais tradicional modalidade de ensino é a presencial, caracterizada pela exposição de conteúdos no contexto de aulas, que requer a presença física de professores e alunos no mesmo local e ao mesmo tempo. Ela se diferencia da modalidade a distância, pelo fato desta, caracterizar-se pela mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem e pela recorrência aos meios de comunicação e recursos tecnológicos para o desenvolvimento de atividades por

⁴ O letramento midiático segue mais ou menos o mesmo processo, mas inclui a habilidade de identificar diferentes tipos de mídia e interpretar as informações e mensagens enviadas nessas mídias.

alunos e professores em lugares ou tempos diversos, envolvendo um planejamento com metodologias, métodos, estratégias e avaliações.

O presente artigo estrutura-se em três partes, além da introdução e das considerações finais. A primeira aborda as relações entre cibercultura e o contexto educacional; na segunda são enunciadas questões sobre a prática escolar no mundo digital e a terceira apresenta uma abordagem sobre a relação da Língua materna e a Internet. Seguem a esta as referências.

2. CIBERCULTURA E O CONTEXTO EDUCACIONAL

Há muito tempo que a educação vem vivenciando momentos perpassados por transformações e construções, em decorrência da inserção das novas tecnologias. Tais transformações em termos da tecnologia remontam-se à épocas passadas, caso sejam incluídos o fogo, o papel, a imprensa, o livro impresso até chegar às web conferências. Com a ressalva de que não apenas a escola é fonte de educação, mas a família e o convívio social são também responsáveis pelo seu exercício, é possível dizer que a cibercultura e as tecnologias que possam viabilizar as relações tecnossociais constituem-se como suportes fundamentais para auxiliar ou interferir na educação das pessoas.

Com a explosão tecnológica, as transformações no meio social têm acontecido a todo o momento, requerendo dos cidadãos o enfrentamento de desafios e tomadas de atitudes diferentes dos habituais, pois se trata de um tempo em que a sociedade exige deles mudanças, principalmente, em se tratando dos profissionais da educação, atitudes críticas, tomadas de decisões, reflexões sobre sua práxis pedagógica. A esses profissionais, o tempo atual oferece a opção de mudar ou ficar parado no tempo vendo o “bonde” passar, contexto já enfatizado por Freire (1979):

[...] a transição se torna então um tempo de opções. Nutrindo-se de mudanças, a transição é mais que mudanças. Implica realmente na marcha que faz a sociedade na procura de novos temas, de novas tarefas ou, mais precisamente, de sua objetivação. As mudanças se reproduzem numa mesma unidade de tempo, sem afetá-la profundamente. É que se verificam dentro do jogo normal, resultante da própria busca de plenitude que fazem esses temas. (FREIRE 1979, p. 65)

No final da década de 1990, as tecnologias de informação e comunicação (TICs) foram introduzidas na educação, com aceitabilidade pelos sistemas de ensino enquanto sinalização norteadora para o desenvolvimento educacional. A prova disso incide nos investimentos em recursos tecnológicos e na formação continuada de docentes, efetivados no âmbito educacional, em prol de uma educação de qualidade, distante da infoexclusão, ou seja, da impossibilidade de adesão aos novos meios de informação.

Na educação, a presença da cibercultura configura-se pelo uso, em tempos diversos, de inúmeras linguagens e diversos canais de comunicação, que beneficiam professores e alunos com os contatos no ambiente virtual de ensino, viabilizados pelas interfaces da Web 2.0. Nesse contexto, surge a interatividade, de forma síncrona ou assíncrona, possibilitando a produção e compartilhamento dos conhecimentos.

O conhecimento como forma de compreender a realidade é gerado com o apoio das informações circulantes no meio social, atualmente, fruto de aprendizagens virtualizadas. Em termos educacionais, tal fato é consolidado na exploração do espaço virtual de conhecimento, característica da educação à distância, com a instauração de um novo estilo de pedagógico, com o apoio das tecnologias intelectuais da cibercultura, oportunizando o surgimento de aprendizagens individuais e coletivas e de um novo modo de aprender e ensinar.

Lemos (2003) ao refletir sobre a socialização do conhecimento assinala a existência de três leis da cibercultura: reconfiguração, liberação do pólo de emissão e a conectividade. A primeira com referência à modificação do modelo vigente de compartilhamento de informações para ser utilizado na comunicação interativo-colaborativa; a segunda consolida-se, segundo o autor, “nas novas formas de relacionamento social, de disponibilização da informação e na opinião e movimentação social da rede” e a terceira compreende a conectividade generalizada, ou seja, a interconexão entre dispositivos de comunicação digital.

A internet destaca-se dentre os meios de comunicação existentes, por proporcionar, de forma irrestrita, a acessibilidade, bem como, promover a difusão de

informes em curto espaço de tempo. A propagação e a difusão do hipertexto⁵ a transformou no principal ambiente do ciberespaço, como resultado da relação entre o homem e as tecnologias, tais como celular, pagers, etc.

É impossível não reconhecer que as influências da internet e dos recursos tecnológicos se refletem no processo de ensino e aprendizagem, bem como, o fato de que devem ser focos de reflexões, a construção e inserção dessa nova cultura no contexto escolar, principalmente, em virtude do nível de acesso à rede, muitas vezes, inexistente ou precário.

Segundo Teixeira (2012b), as tecnologias e o ciberespaço para os professores equivalem a um universo virtual, componente da realidade da sociedade atual, que:

“...suporta o processo de criação, produção e distribuição de produtos, informações e serviços; a inteligência coletiva, o hipertexto e a inteligência artificial; as interfaces síncronas e assíncronas de comunicação; as comunidades virtuais, a colaboração em massa e a interatividade em tempo real, onde as pessoas estão conectadas e o conhecimento é compartilhado (através de imagens, vídeos, textos, áudios) em escala global (TEIXEIRA, 2012b).

O sistema tradicional de ensino, de caráter presencial, de forma gradual tem apresentado alterações, devido à comunicação ser beneficiada pelo grande fluxo de informações, proporcionado pela rede de computadores. Muitos estudiosos já preveem a utilização da aula virtual no contexto escolar, na qual nem sempre o confronto entre professor e aluno é realizado em tempo real, podendo favorecer a disponibilidade de horário do aluno.

É relevante enunciar que o universo virtual, como uma moeda, apresenta duas faces. Uma, o seu “verso” que compreende os seus inúmeros atributos, e “o reverso” que congrega características não muito favoráveis tais como, responsabilidade pelo isolamento social, sobrecarga da memória, circulação de informações de origem duvidosa, dependência das pessoas que ultrapassam os limites do mundo real, recaindo no mundo virtual e pela exclusão de muitas pessoas da geração digital.

3. A PRÁTICA ESCOLAR NO MUNDO DIGITAL

⁵ O termo hipertexto, segundo LÉVI (1993), foi inventado por Theodore Nelson na década de 1960 para exprimir uma idéia/leitura não linear em um sistema.

Pons, na década de 90, diante da junção das criações humanas e a primazia da consecução do conhecimento, ao refletir sobre as tecnologias enquanto sustentáculos do processo de aprendizagem, observou que:

"É uma maneira sistemática de elaborar, levar a cabo e avaliar o processo de aprendizagem em termos de objetivos específicos, baseados na investigação da aprendizagem e da comunicação humana, empregando uma combinação de recursos e materiais para conseguir uma aprendizagem mais efetiva. (Pablos Pons:1994)

No ambiente escolar, é reconhecido o atributo do ciberespaço em viabilizar a interatividade, a troca de informações e o autoaprendizado, entretanto, tudo isso, não afiança resultados satisfatórios no aprendizado. Assim, ao mesmo tempo, que reivindica um aparato tecnológico, coloca o professor na posição de mediador da construção do conhecimento, com formação adequada à nova realidade que envolve o ciberespaço e a dispersão das informações.

É evidente que, para o alcance do grande objetivo em formar cidadãos críticos, criativos e participativos, capazes de enfrentar as mudanças provocadas pelo desenvolvimento das tecnologias digitais em termos da produção de informações, o sistema escolar deve ser revitalizado, tendo como primazia a questão inerente ao domínio dos meios técnicos e, conseqüente, incorporação a uma prática pedagógica transformadora, satisfazendo assim, a relação das práticas tradicionais com as novas formas de comunicação. Em tal contexto, o ciberespaço “entranha-se” no ambiente escolar que assume novas feições, com a tendência a utilizar esse meio de comunicação universal, acessível a todos, de baixo custo e disponibilidade global para transformar o ensino e a aprendizagem desenvolvidos, até então, em salas de aula convencionais.

As salas de aula convencionais, em sua grande maioria, ainda continuam com seu espaço físico inalterado, bem as ações nele executadas, tais como, o tempo de aula, a configuração dos móveis e objetos e as posturas dos agentes do processo ensino aprendizagem, situação nem sempre condizente à uma aprendizagem exitosa, significativa tanto para o ensinar, quanto para o aprender. É claro que o sistema presencial de ensino abrange realidades dicotômicas, mas convergentes, no sentido de não propiciarem um ambiente favorável à aprendizagem. Essa realidade apresenta duas facetas, uma revelando o perfil de salas de aula lotadas, com alto

vozerio dos alunos obrigando o professor a elevar a voz para fazer-se escutar e outra, bem colocada por Kenski,

No silêncio da sala de aula ecoa a voz do mestre. Alunos calados escutam e copiam suas palavras. Pausadamente, o professor dita sua verdade absoluta. Alguns dos alunos permanecem com os olhos fixos no ambiente da sala, mas o pensamento viaja. Kenski (2003 :65)

Pierre Lévy, nas entrelinhas de suas palavras, postas em suas obras, deixa transparecer que o professor, nessa nova era, deixa o trono de detentor do conhecimento, assumindo a postura de dinamizador da inteligência coletiva dos alunos em vez, privilegiando em sua prática docente, o acompanhamento e a gestão das aprendizagens, no concernente a troca dos saberes e a mediação.

Na verdade, o acesso à tecnologia é ponto inicial de uma trajetória na qual o professor irá utilizar a Internet com objetivos claros quanto a não continuidade da reprodução de um modelo já ultrapassado, como bem afirma Silva (2005, p. 67):

A dinâmica e as possibilidades da interface on-line permitem ao professor superar a prevalência da pedagogia da transmissão. Na interface, ele propõe desdobramentos, arquiteta percursos, cria ocasião de engendramentos, de gerenciamentos, de significações. Ao agir assim, estimula que cada participante faça o mesmo, criando a possibilidade de co-professorar o curso com os aprendizes. Silva (2005, p. 67):

Indubitavelmente, a presença da tecnologia é um fato nas unidades escolares como também a sua efetividade privilegia a qualidade da educação. Tais fatos, entretanto, não contribuem para que a escola perca a sua essência, ou seja, a relação aluno e professor, pelo contrário, a partir da apropriação das diferentes linguagens existentes no ciberespaço, essa relação estabelecida nas práticas pedagógicas será renovada, chegando a ultrapassar os limites do espaço físico escolar.

A comunicação eletrônica e as mídias⁶ digitais são elementos integrantes da cibercultura, os quais vêm influenciando a educação, em específico, os processos de ensinar e aprender. No contexto da cibercultura, entre as mídias, em virtude de convergência tecnológica, são estabelecidos, em termos operacionais, elos de

⁶ Palavra oriunda do latim *media*, plural de *medium*, com sentido "aquele que está no meio". A palavra "mídia", derivada da pronúncia inglesa "media" é mais usada no Brasil, embora alguns gramáticos brasileiros prefiram a forma portuguesa, a de Portugal, pela correlação com a origem latina da palavra e conseqüente relação com a língua portuguesa falada no país.

solidariedade que eliminam os limites nas relações com produtores e usuários, haja vista que, no mundo virtual, uma mesma pessoa pode funcionar como produtor, usuário ou mediador.

As mídias, no senso comum, correspondem aos meios de comunicação em geral, as quais alocadas no ambiente escolar para uso pedagógico aproximaram a clientela escolar das suas realidades, viabilizaram as ocorrências das mediações entre os atores do processo educativo, bem como, entres eles e as tecnologias.

As mídias de caráter informativo são as impressas e as eletrônicas, veiculando discursos impostos oriundos de um poder hierarquizado enquanto as de caráter interativo abrangem as mídias digitais. No grupo das mídias impressas estão alocadas, dentre outras, revista, livro, mapas, fotografias, jornal, outdoor, cartaz, folheto, cartão de visita, pintura, grafite e no grupo das eletrônicas situam-se o rádio, cinema, vídeo, televisão analógica. As mídias digitais compreendem a internet, o celular, o videogame, telefone, TV digital, as quais viabilizam a participação efetiva do usuário.

As mudanças oriundas da cibercultura requerem do profissional da educação profundas reflexões sobre a época atual, diferenciada da época anterior, por aspectos diferentes, dentre outros, os meios de comunicação, a interatividade, etc. A nova era incita ajustes, renovações, mudanças na práxis pedagógica, até então, subsidiada pelo instrucionismo mecanizado, em prol de estratégias pedagógicas fundamentadas na nova cultura e adequadas aos valores e objetivos educacionais. Mas, também, torna-se necessário que professores e alunos sejam agraciados com a apreensão de conhecimentos sobre informática, como via para melhorar competências, conhecimentos, atitudes e perspectivas sobre o ensinar e o aprender, que têm se desenvolvido de forma, cada vez mais colaborativa.

4. A LÍNGUA PORTUGUESA NO MEIO DIGITAL

No ambiente escolar ainda é comum tratar a língua portuguesa como algo pronto, estático, sem mudanças ou alterações, não considerando as falas/escritas dos produtores do conhecimento. Nesse contexto, a sociedade encontra-se imersa nas ondas advindas das tecnologias, que fazem surgir outras manifestações da

linguagem, as quais passam a conviver com a tradição oral ainda disseminada no meio social.

Em termos linguísticos, essa ambivalência de manifestações da linguagem instigou reflexões sobre a legitimidade dos usos, sendo, em décadas passadas, alvo das reflexões de Gomes:

Não devemos esquecer que o desenvolvimento vertiginoso do conhecimento, a facilidade, a velocidade na transmissão de informações e a complexidade das aplicações tecnológicas a todos os âmbitos da vida cotidiana requerem o desenvolvimento de códigos simbólicos cada vez mais elaborados e complexos, e que aqueles indivíduos que, em sua vida cotidiana e em seu cenário social, só elaboram orientações de código restrito se encontram próximos da marginalização e dependência, pois seu código restrito não lhes facilita a compreensão e a adaptação às situações complexas que utilizam códigos elaborados e que são as habituais nas esferas mais desenvolvidas e privilegiadas da sociedade atual (PÉREZ GÓMES, 2001, p. 255).

A troca de mensagens, informações, as conversas, pesquisas e estudos são realizados, de modo autônomo, via os blogs, e-mails e chats, com o uso de uma escrita diferenciada, denominada por muitos, internetês, linguagem simplificada e informal surgida no ambiente da Internet, com o propósito de que a comunicação fluísse de forma mais rápida.

A intenção foi concretizada, mas a linguagem simplificada é traduzida por muitos como outro uso da língua. Exemplo disso é fornecido por Pimentel (2005), para quem a escrita na internet chama a atenção pelas variantes pertinentes ao meio – outras maneiras de usar a língua – ou seria uma nova variação linguística?

Vale ressaltar que variação linguística é aqui entendida como um fenômeno natural que incide na diversificação dos sistemas de uma língua, decorrente das mudanças dos seus elementos integrantes, como vocabulário, pronúncia, morfologia, sintaxe, léxico. Tal diversificação é decorrente do fato de uma língua não ser única e abranger vários campos de diferenciação, dentre eles, histórico, geográfico, regional, etário, sociocultural, ocupacional.

A linguagem cifrada utilizada internet é pautada em determinadas regras, como contenção referente à abreviação das palavras até se transformarem em uma única expressão, duas ou no máximo três letras como por exemplo não=n, sim=s, de=d, que=q, também=tb, cadê=kd, tc=teclar, porque=pq, aqui=aki, acho=axo,

qualquer=qq, mais ou, mas=+ você=vc, também=tb, fim de semana=fds. Além dela, houve também um declínio nuso dos sinais de pontuação e acentuação (é=eh, não=naum), saindo do campo etimológico e adentrando no campo fonético, valendo ressaltar que muitas sem apropriado significado em nossa língua.

Essa linguagem cifrada não é vista com “bons olhos” por muitos educadores, que a consideram como um atentado à língua, embora outros discordem ou minimizem esse posicionamento que traduz o receio de que o uso de tal escrita no ciberespaço promova o distanciamento do usuário da escrita adequada aos contextos mais formais de interação. Entretanto, as conclusões de alguns estudos refutaram tal receio, como o de Martins, Reis e Shuelter (2005) que chegaram à conclusão da tendência de internautas em utilizarem registros mais formais, adequados a outros contextos.

É reconhecido que a norma padrão da língua materna, como prestigiada socialmente, tem seu espaço inviolável, como também as variedades de menor prestígio social sofrem o chamado preconceito linguístico, concebido por Marcos Bagno (2002) como “todo juízo de valor negativo (de reprovação, de repulsa ou mesmo de desrespeito) às variedades linguísticas de menor prestígio social”. Para o autor (2007), considerando a inexistência de língua sem variação linguística afirma que “erro de português” não existe. Existem sim, diferentes gramáticas para variedades do português, cada uma possuindo a sua validade e, considerando o contexto em que é empregada a língua”.

A veiculação “gigantesca” pela internet de diversos gêneros textuais constitui-se como uma gama de subsídios proveitosos para as práticas de lectoescritura, as quais, na atualidade são obsequiadas pela explosão de informações na internet, fortalecendo assim a comunicação e o estudo dos fenômenos linguísticos.

Ainda é limitado o uso dos textos multimodais⁷ nas aulas de Língua Portuguesa, embora seja reconhecido que o estudo textual não deve limitar-se, tão somente, a exploração da estrutura, mas também da funcionalidade comunicativa, da interatividade entre autor, leitor e da relação contextual em termos sociais e

⁷ Textos que apresentam duas ou mais modalidades de formas linguísticas, entremeando a linguagem verbal e não verbal, objetivando melhor inserção do leitor no mundo atual.

históricos. Entretanto, nessa nova era, nas mídias digitais destaca-se o uso dos memes⁸, os quais são inerentes do cotidiano da clientela escolar, como também de qualquer cidadão do meio social, afinal, os memes oportunizam reflexões sobre problemas sociais da atualidade e propiciam o desenvolvimento do senso crítico.

Assim, cabe à escola trabalhar com seus alunos questões sobre a língua e sua variação, adequação de contextos, incentivando-os ao uso de registros adequados aos mais diversos contextos sociais. A abordagem da variação linguística deve considerar a legitimação das formas diferentes da norma padrão, com ênfase na condição de linguagem “correta” em situações informais, estimulando assim, o aluno para o uso da forma “prestigiada” nos contextos de interações formais.

O uso do computador e da internet como ferramentas úteis para a busca do conhecimento fortalecem o pensamento de que tal procura tem sido efetivada com constante frequência nas redes virtuais, fato que patentifica o entrelaçamento da educação com a tecnologia.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É fato que a introdução da tecnologia na educação constitui-se como parte de uma revolução sociocultural mais ampla e profunda, a qual está modificando a cultura da contemporaneidade. As tecnologias estão cada vez mais presentes no cotidiano social e, em específico, no educacional. Nesse último, a inserção é mais abrangente, haja vista que, por terem nascidas já imersas no ciberespaço, as novas gerações têm a identidade de nativas digitais.

Os novos circuitos de aprendizado, propiciando o usufruto pedagógico da cibercultura e aprimoramento da construção do conhecimento, têm motivado mudanças na forma tradicional e presencial de ensino bem como nos perfis de docentes e discentes. Essa evolução, motivada pela propagação da cibercultura e do ciberespaço, viabilizam a interconexão constante entre pessoas e, conseqüentemente, o compartilhamento de informações. Entretanto, é válido ressaltar que o espaço escolar ainda abriga a resistência de professores em aderir o uso das tecnologias na prática pedagógica, talvez pela falta de alfabetização

⁸ Expressão usada para descrever um conceito de imagem, vídeos, GIFs e/ou relacionados ao humor, que se espalha via Internet.

tecnológica, ou seja, pela falta de conhecimento sobre a aplicabilidade delas em determinados conteúdos.

Com a perspectiva de possibilitar a melhoria do processo de ensino aprendizagem, via uma metodologia de ensino favorável à interatividade de professores e alunos no ciberespaço, é necessário que o primeiro saiba usar as tecnologias, usufruindo delas o máximo e que haja a inclusão digital dos alunos no ambiente educacional e fora dele.

No ciberespaço são encontradas diferentes linguagens veiculadas como representações particularizadas nos hipertextos, nas comunidades virtuais e nos sites de relacionamentos. Ao serem consideradas como mediadoras do processo de ensino e de aprendizagem, configuram-se como causadoras do distanciamento de alunos e professores do contexto escolar convencional, no qual as interações são delimitadas em função dos conteúdos a serem desenvolvidos. O uso do hipertexto com sua arquitetura específica possibilita o pensar na realização de novas práticas de ensino, mas também requer mudanças na forma de mediação do processo de ensino e da aprendizagem, centralizada na figura do professor.

Diante desse contexto, a escola deve estimular o interesse natural dos alunos pelo mundo virtual, em prol da mediação entre eles e a busca de informações, da melhoria da relação professor-aluno, da construção de novas estratégias de abordagem dos conteúdos a serem desenvolvidos, do aprofundamento do estudo da língua em termos da variação revelada no ambiente e sua variação, da notação gráfica e da multimodalidade textual, a nova tendência na comunicação.

A temática sobre a relação do ambiente virtual e a educação, com especificidade direcionada para o ensino e aprendizagem da língua portuguesa apresenta uma grande amplitude, requerendo a realização de mais pesquisas que revelem, socializem e apresentem construtos que possam subsidiar a construção de novas práticas de ensino da língua portuguesa mediadas pelas ferramentas tecnológicas.

REFERÊNCIAS

BAGNO, M. Preconceito linguístico: o que é, como se faz? 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

_____. Preconceito Linguístico. *Revista Presença Pedagógica*. V. 14, n. 79, jan./fev. 2008.

BARRETO, N. V. P. Os desafios da educação: a cibercultura na educação VÉRTICES, Campos dos Goytacazes/RJ, v. 12, n. 3, p. 149-164, set./dez. 2010

CASTELLS, M. A Sociedade em Rede. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1999.

_____. Redes de Indignação e Esperança – movimentos sociais *na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2013.

CHARTIER, R. Do código ao monitor: a trajetória do escrito. *Estud. av.*, São Paulo, vol.8, n.21, 1994. Disponível em: . Acesso em: 29 de jul. de 2020.

FREIRE. P. Educação e Mudança. 25 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

Kenski V.M. Tecnologias e o Ensino presencial e a distância. São Paulo: Papirus, 2003.

LAGE, N.. Ideologia e técnica da notícia. Florianópolis: Insular/Editora da UFSC, 2001.

LE MOS, A. Cibercultura: alguns pontos para compreender a nossa época. In: LEMOS, A.; CUNHA, P. Olhares sobre a cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2003. p. 11-23.

LÉVY P. A Máquina Universo. São Paulo: Artmed, 1998.

LÉVY, P. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 2009.

_____. *O que é virtual?* São Paulo: Editora 34, 2010.

LIMA, M. (2011). Educação na cibercultura: novas possibilidades para o ensino aprendizagem. Disponível em: <<http://revistaadmmade.estacio.br/index.php/reeduc/article/view/169/142>>. Acesso em: 27.jul.2020.

MARTINS, C. L.; REIS, M. S.; SCHUELTER, W. Hipertexto e os códigos cifrados dos internautas: ameaça lingüística ou modismo? Disponível em: http://www.ufpe.br/hipertexto2005/TRABALHOS/wilson_schuelter_e_marileia_reis_e_claudia_levandoski.ht., 2005. Acesso em 27 jul. 2020.

PÉREZ G., A. I. A cultura escolar na sociedade neoliberal. Porto alegre: Artmed, 2001

PIMENTEL, Carmen. Vc tb escreve axim? Uma análise do léxico nos blogs dos adolescentes. UERJ, 2005. www.ufpe.br/hipertexto2005/TRABALHOS/htm. Acesso em 17 jul. 2020.

PONS, J. P.. Visões e conceitos sobre a tecnologia educacional. In: Para uma tecnologia educacional. Porto Alegre: Artmed, 1994.

PRETTO, N. L. (org.). Globalização & Organização: mercado de trabalho, tecnologias de comunicação, educação a distancia e sociedade planetária. Ijuí: Ed. Unijuí, 1999

SILVA, M. Internet na escola e inclusão. In: ALMEIDA, Maria E.; MORAN, José M. (Org.). Integração das tecnologias na educação. Brasília: MEC/SEED, 2005.

TEIXEIRA, M. Cibercultura: plataforma virtual universal. A arquitetura da inteligência coletiva (tradução). Munique: GrinVerlag, 2012a.

_____. As faces da comunicação (tradução). Munique: GrinVerlag, 2012b.

XAVIER, A. C. S. O Hipertexto na Sociedade da Informação: a constituição do modo de enunciação digital. Tese de doutorado Unicamp, 2005

WENCZENOVICZ, T. J.; GHISI, S. Sociedade da informação e cibercultura: a sociedade em rede e as mídias interativas no contexto escolar. Disponível em: . Acesso em: 27 de jul. 2020.